

# José Luiz Galvão

Por Claudia Cavallo

Por uma concorrência de excelência

**CERTA VEZ, NUMA CONVERSA INFORMAL, JOSÉ LUIZ GALVÃO** - um dos arquitetos de iluminação cuja competência é referência no Brasil - comentou que estava com receio de que a nova geração de profissionais crescesse sem o devido conhecimento sobre o que é um projeto de iluminação, ou distorcendo a atividade de *lighting design*, colocando sobre ela um foco decorativo demais e técnico de menos.

Poucos anos mais tarde, Galvão decidiu coordenar a área de Lighting Design de um curso de pós-graduação em Artes Visuais numa universidade particular, no Rio de Janeiro, no intuito de dar sua contribuição à formação de novos profissionais que viriam a ser seus próprios concorrentes, num futuro próximo, mas numa competição de excelência que pudesse elevar cada vez mais o nível de competência do mercado, em vez de torná-lo um antropofágico "leilão de preços".

Arquiteto formado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro e mestre em Ciências da Arquitetura, pela Pennsylvania State University, montou um programa de curso baseado no da universidade americana na qual fez seu mestrado, e partiu para a ação, deslumbrando seus alunos com o encantamento da luz, sem deixá-los, jamais, fechar os olhos para o estudo dos cálculos indispensáveis para que um projeto de iluminação possa ser chamado de projeto.

Paralelamente a seu trabalho na universidade, Galvão mantém seu escritório, do qual saem trabalhos que os antigos colegas de profissão admiram e

nos quais jovens aprendizes se inspiram.

Nesta entrevista ele fala sobre sua visão quanto ao mercado atual e da necessidade da criação de uma "cultura de iluminação".



Foto: Arquivo pessoal

**Lume Arquitetura:** *O que melhorou no segmento de Iluminação no Brasil, nos últimos 10 anos?*

**Galvão:** A profissão ganhou mais visibilidade. Por outro lado, é importante que se saiba que a atividade de *lighting design* demanda muito mais conhecimento do que a popularização da profissão está fazendo parecer. Tenho visto surgir o “folclore” de que um projeto de iluminação depende, basicamente, de inspiração. Isso é um equívoco. Um bom projeto de iluminação depende de transpiração, envolvimento, estudo, cálculo. Deve haver uma razão para cada escolha, solução ou especificação, ainda que ela seja estética. Caso contrário, o profissional não saberá o que está fazendo.

**Lume Arquitetura:** *Não é o nível de exigência do consumidor que eleva o nível de qualidade de um segmento? O consumidor brasileiro exige mais do que vem sendo oferecido? Ele tem condições de avaliar a qualidade do serviço que lhe está sendo prestado ou do produto que lhe está sendo vendido?*

**Galvão:** Sou de uma família de médicos e sei que se você tem um familiar doente, é capaz de vender o que tem para que esta pessoa seja tratada por um médico competente, confiável. E você não muda a medicação por conta própria, pois está ciente da responsabilidade que incide sobre este ato e dos danos que pode causar, se o fizer. Em iluminação, passa-se por cima da especificação de um projeto tranquilamente. O mercado de construção – construtoras e comércio – deve ser responsabilizado pelo insucesso de um trabalho, quando faz uma intervenção, aleatoriamente. Uma luminária assimétrica, com abertura de fecho de 25 graus, é livremente substituída por uma lâmpada de 25 graus com soquete no fundo. Entendo que as empresas têm que sobreviver e, para isso, acabam oferecendo ao cliente o que têm, não o que o cliente precisa. E é difícil fazermos com que o cliente não fique

seduzido pelo menor preço do produto “similar” que lhe foi oferecido. Claro que estou generalizando, mas esta prática precisa ser mudada e, para isso, temos que desenvolver o que chamamos de “cultura em iluminação”.

**Lume Arquitetura:** *E o que é “cultura de iluminação” exatamente? Quais são os meios de desenvolvê-la?*

**Galvão:** É formar a base. Educar os jovens profissionais, as construtoras e o vendedor. Fazê-los entender que, além do dinheiro que precisam ganhar, existe uma responsabilidade sobre o que estão fazendo, sobre o resultado final do projeto no qual estão se envolvendo, direta ou indiretamente.

*Tenho visto surgir o “folclore”  
de que um projeto  
de iluminação depende,  
basicamente, de inspiração.  
Isso é um equívoco.  
Um bom projeto depende  
de transpiração, envolvimento,  
cálculo, ou o profissional não sabe  
o que está fazendo.*

**Lume Arquitetura:** *Para formar profissionais “como manda o figurino”, as universidades que oferecem curso de Iluminação não deveriam investir num bom laboratório?*

**Galvão:** Acho que teríamos que inverter esta pergunta. Para justificar o investimento por parte das universidades deveria haver um suporte da indústria, como ocorre fora do Brasil. Como contrapartida, selos de qualidade ou alguma outra certificação poderiam ser fornecidos com um teste aplicado pela universidade.

**Lume Arquitetura:** *Você tem um estudo sobre iluminação para idosos... Em que*

*consiste este estudo?*

**Galvão:** Fiz parte de um comitê que estudou o ambiente visual de idosos na IES – Illuminating Engineering Society. Meu envolvimento nisso começou quando fui a um congresso em Houston, no Texas, em 1993. Uma empresa simulava a forma como o idoso enxerga e pude ver o quanto a idade faz diferença. Estamos vivendo mais tempo, a longevidade do ser humano está se estendendo, mas nosso olho continua envelhecendo. Em ambientes assépticos e muito limpos, por exemplo, em pisos polidos e lustrados o reflexo de luminárias causa uma grande confusão para o idoso, pois ele anda curvado, com boa parte do seu campo de visão voltada justamente para o chão. Ele fica sem saber onde ou no quê está pisando, sente-se inseguro, caminha pior. O uso de carpetes em dois tons como marrom e bege é um outro caso; o idoso compreende a “emenda” entre os tapetes como sendo um degrau.

**Lume Arquitetura:** *Quando você tem dúvidas, a que fontes recorre?*

**Galvão:** Minha principal fonte ainda são as publicações da IES. Talvez por minha formação ter sido nos Estados Unidos. Dr. Johnn Flynn, presidente da IES, na época em que eu estava fazendo o mestrado, era meu professor... Na verdade, estamos sempre aprendendo. Recentemente fiz um projeto de iluminação externa, no Rio de Janeiro, para o qual tivemos que propor o uso de filtros UV nas luminárias, por se tratar de uma área próxima a uma lagoa, e os insetos – que são normalmente atraídos por luz azul, violeta e radiação UV – não deveriam morrer, para que pudessem continuar colocando seus ovos na água. Estes ovos se transformam em larvas e alimentam os peixes, mantendo o equilíbrio ecológico do local. Precisei pesquisar bastante para isso e resolvi aprovar o projeto na Secretaria Municipal de Meio Ambiente. Os clientes também nos ensinam, de

## LUMINÁRIAS DE EMERGÊNCIA



## SENSORES DE PRESENÇA



## MINUTERIAS



## DIMMERS



## CONTROLES PARA VENTILADOR



# FORLAMP

Rua Sen. Bernardo Monteiro, 35  
Rua São Luiz Gonzaga, 2233  
Benfica - RJ - 20910-063  
Tel/Fax (21) 3860 5767  
(21) 3890 3931  
forlamp@forlamp.com.br

certa forma. Outro dia, o administrador de uma rede internacional de lanchonetes *fast-food* me pediu iluminações altíssimas no banheiro dos funcionários. Disse a ele que estava acima do desejável, mas ele quis mesmo assim, justificando que tinha percebido que, desta forma, os funcionários sujavam menos o ambiente. O excesso de luz inibia a sujeira por torná-la muito visível.

*Cultura em iluminação é formar a base. Educar os jovens profissionais, construtoras e vendedor. Fazê-los entender que, além do dinheiro que precisam ganhar, existe uma responsabilidade sobre o resultado final do projeto no qual estão se envolvendo, direta ou indiretamente.*

**Lume Arquitetura:** *É um fato que brasileiro gosta de luz, que prefere ambientes mais iluminados que europeus, por exemplo? Você se depara com isso nos seus projetos?*

**Galvão:** É um fato que o céu de lá não é tão brilhante quanto o daqui. Minha tese de mestrado foi sobre "Luz e Cor como Elementos do Projeto de Arquitetura" e comparei cor de luz, cor de superfície e a interação delas como cor resultante na avaliação de ambientes internos. A comunidade brasileira que habitava State College (40 graus de latitude norte) avaliou cor de luz e de superfície ligeiramente diferente da comunidade norte-americana. Os brasileiros preferiam

luz branca, enquanto os americanos gostavam da luz amarelada ou tendendo para o magenta.

**Lume Arquitetura:** *Você é a favor do uso de cor na arquitetura? Não há um certo "lobby" da indústria neste sentido, mais por uma questão de interesse em ampliar fatia de mercado do que por resposta a uma necessidade do consumidor?*

**Galvão:** Sou a favor do uso de cor e da aplicação de iluminação cênica sutil na arquitetura. Há que se reconhecer, entretanto, que a arquitetura tem três dimensões – largura, altura e comprimento – enquanto que um show, uma peça, um evento efêmero conta também com a quarta dimensão, que é o tempo. Em termos práticos isso quer dizer, por exemplo, que um determinado efeito por um determinado tempo é aceitável, mas depois disso, pode se tornar incômodo e perturbador em uma obra perene. Para se usar o recurso de movimentação de luz em ambientes arquitetônicos internos, é necessário reconhecer a existência da adaptação transiente, uma vez que pode acontecer fadiga visual, devido a contrastes excessivos, provocados pela movimentação da luz.

Quanto à cor da luz, maior atenção se deve ter, porque, ao contrário de uma escultura que pode ser deixada sem cor e ser colorida pela mente do observador, a arquitetura é uma realidade em todos os seus atributos, inclusive sua cor.

**Lume Arquitetura:** *Você normalmente segue normas brasileiras ou internacionais?*

**Galvão:** As normas da ABNT são, praticamente, uma tradução de normas internacionais. Em geral, me baseio nos índices sugeridos pela IES, devido ao amplo leque de situações que a Associação cobre, mas me mantenho atento aos índices da ABNT, porque há pequenas diferenças, de vez em quando, e a fiscalização no Brasil segue o que diz a ABNT. ◀